

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

CORRESPONDÊNCIA ENTRE MARTINS SARMENTO E JOAQUIM DE ARAÚJO. CARTAS DE MARTINS DE SARMENTO.

(sem indicação de autor)

Ano: 1948 | Número: 58

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Correspondência entre Martins Sarmiento e Joaquim de Araújo. Cartas de Martins de Sarmiento. *Revista de Guimarães*, 58 (1-2) Jan.-Jun. 1948, p. 5-13.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Correspondência entre Martins Sarmiento e Joaquim de Araújo

Cartas de Martins Sarmiento

Guimarães, 10-3-78.

Ex.^{mo} Snr.

Apresso-me em responder á sua carta. O Margaride ainda por aqui está e não sei q.^{do} irá p^a o Porto. Ignoro onde diabo se meteu esta tarde, que não dei com elle; mas amanhã com certeza recommendo-lhe o seu negócio.

Deixe-me porem observar-lhe, que o Conde ainda não pôz a mão no leme e que a direcção das cousas correm por ora, por conta dos influentes politicos do Porto, e de certo principalm.^{te} do B. Soares, a quem o Margaride ha de consultar para tudo. Seria pois mais que conveniente ter este conselheiro a seu favor, porque as suas indicações não serão de modo algum contrariadas. Vistas as intimas relações do Pae de V^a Ex^a com o Soares, não tenho que offerecer p^a este a minha mediação. Tenha a certeza que, quando eu fallar na sua pretensão ao Margaride, elle me declara logo, que não conhece um palmo do terreno e que tem de fazer o que os seus amigos (politicos) quizerem. E' sempre a mesma cantiga.

Quanto á outra parte da sua carta, e modestia á parte, deixe-me dizer-lhe com franqueza que não tenho biografia que possa encher duas linhas e que valha a pena d'encher uma.

O Pereira Caldas já no Diccionario do Innocencio disse duas cousas a meu respeito, que só serviram p^a

me irritar — e eis porq. Quando tinha 22 annos publiquei um livro de versos, pouco mais ou menos abomináveis. Offereci alguns exemplares a alguns amigos e entre estes a um sujeito que frequentava a minha caza e que eu tratava com certa familiaridade. O maganão encapotou-se n'um pseudonymo e disse do livro umas cousas chocarreiras. Mandei-lhe dizer que podia fazer as criticas litterarias que lhe parecesse; mas que, se em vez de critica, fizesse *larachas*, as orelhas podiam-lhe periclitar. O homem retractou-se do que tinha dicto, declarando ao mesmo tempo, que o fazia, porque *eu era rico*, etc.. Fui-lhe ás orelhas. E ahí entra o meu amigo a espalhar proclamações a todos os jornais do paiz, clamando que eu tinha offendido a liberdade d'imprensa na sua pessoa etc. Todos os jornais publicaram a palhada, commentando a m^a ferocidade. Um deles comparava-me ao assassino do Redactor do Setubalense, e não faltou quem pensasse que eu era um parvo vaidoso que matava gente porq. me criticaram dois versos; ninguem quiz ver que, dando dois piparotes n'um patife que se dizia meu amigo e me jogava gracejos de mau gosto por traz da esquina, fazia uma obra de caridade — porq. franquissimam^{te}, a critica, embora azeda, nunca me pode incomodar, sendo justa.

Causas completam^{te} extranhas a este episodio obrigaram-me a retirar o livro da circulação do mercado. O Caldas interpretou a cousa como consequencia da pendencia com o meu pseudo-critico (hojê fallecido), e assim o escreveu. Foi isto que me irritou na noticia do Diccionario, porq. é falso e eu não queria (nem valia a pena) explicar as verdadeiras causas.

Ha que annos tudo isto vai!

D'então p^a cá não quiz nada com o mundo da imprensa, e, se algum pequeno artigo tenho publicado, é cousa que se conta pelos dedos, e sempre obrigado.

Já vê V^a Ex^a que não ha biographia possivel p^a o meu retrato e, se V^a Ex^a quizesse fazer-me a vontade, nem dava uma cousa, nem outra. A minha unica qualidade boa, é ser honrado. Como leitor, tenho sido *flaneur* que passo o tempo a ler de... tudo, e nunca escolhi uma especialidade, simplesmente porque nunca mirei a conquistar a celebridade pela penna, mas

somente no meu bairro pelo amor da justiça e da verdade.

Se a Citania me fez conhecido um pouco, juro aos Deoses que não foi p^a servir o meu paiz e a historia dos celtiberos que comecei a fossar naquelas ruinas; foi simplesmente por não ter que fazer. Disse não sei quem que fui o iniciador das conferencias archeologicas em Portugal. O titulo realmente é apparatuso; porem a verdade é que nunca tive intenção d'iniciar cousa nenhuma. Lembraram-me p^a reunir na Citania alguns entendedores, e cahi na asneira d'annuir, principalm^{te} porque contava esclarecer-me em materias, de que nada sabia, e pelas quaes as excavações me iam fazendo interessar. Mas a minha ideia era fazer uma pequena romaria de curiosos sem cerimonia, de sorte que podessemos ver as antigualhas em mangas de camisa. As cousas correram d'outro modo e quasi diplomaticamente; mas é claro que a culpa não foi minha.

Aqui está o iniciador das conferencias archeologicas de Portugal e Ilhas! Estou no caso de Jourdain de Molière, a fazer prosa sem o saber.

Em summa, ainda que quizesse, não podia dar-lhe materiais nenhuns p^a uma biographia, mesmo que ella se publicasse em Liliput.

Disponha V^a Ex^a do meu pouco prestimo p^a outras cousas, porq neste ponto já vê que nada tenho a fazer.

De V. Ex.^a
att^o vr e obgd^o

F. Martins Sarmiento.

Briteiros
4-7-78

Meu am.^o

O que se torna mais saliente na sua ultima carta são os trechos que poderia assignar o Obermann, de Senancour, e outros grandes scepticos da velha escola, e que a escola moderna parece não conhecer, nem de vista. *Requiescant in pace*, os velhos scepticos,

que viam a humanidade n'um *cul de sac*, sem sahida absolutamente nenhuma, e esperemos que a eschola nova descubra caminhos novos. Conto morrer, antes de conhecer o novo Gama; isso porem nada quer dizer. Mas o meu amigo deve ter mais coragem e arriscar a sua barca neste mar de nevoeiros, com esperanza d'arribar a algures. Não desespero da nossa gente. Creio que lá fóra não são melhores que nós. "O ceu — dizia Goethe é azul em toda a parte — os homens são em toda a parte os mesmos". O chicote, que desejava empunhar, tão bem empregado era n'um moreno portuguez, como n'um louro allemão. Ainda ha pouco tempo morreu de fome, ou quasi, na Alemanha, Louis Fuerbach — um grande philosopho que sacrificava o palavreado choucho á essencia das cousas. Daumer e Guilhany, vulgarisados, ha mais de 20 annos, por um traductor francez, passaram despercebidos, e hoje qualquer pygmeu, a par doutros grandes sapa-dores, pensa atordoar o mundo com uma pagina d'uma innocente candura. Sabe que mais? O mundo é tolo e passa a vida a fazer e a desfazer a sua teia de Penelope.

Fallemos d'outra cousa. Do Herculano não tenho senão uma carta em que elle se desculpa de não poder vir á Citania, porq. nem a Lisboa poude ir, pouco tempo antes. Do Soromenho, alguma carta que possuiu dissertava sobre dados falsos e nada tem d'aproveitavel. O mais importante foi a prophesia que elle me fez diante de todos os *conferentes* que nem o governo, nem a Academia, nem ninguem entre nós, a não ser uma excepção rarissima, daria um minuto d'atensão ás excavações que eu emprehendera.

A prophesia não me contou cousas novas. Já conhecia o meu paiz ha muitos annos, e, repito, os meus trabalhos d'esfossador eram um mero desenhado. E occioso, com esperanza de deixar alguma cousa de util á posteridade, sim, á posteridade, se o alvião e a enchada dos meus trabalhadores pozessem a nu alguma curiosidade, digna da mencionada posteridade. O diabo das excavações são d'uma ingratição mythologica. No entanto, deixe-me ver se este mez produz alguma cousa digna d'escripta, e então lhe resumirei o resultado das explorações.

Mas não desanime. Encarreire *n'uma especialidade* e verá que terá grandes consolações.

Seu am^o e obgd^o

F. Martins Sarmiento.

Meu am^o

Parece-me que a Renascença não perdeu nada dos seus créditos, bem que se vá tornando mais literaria que scientifica; mas a irregularidade da sua publicação faz realmente desesperar os mais phlegmaticos. A empresa parece que até tem preguiça de receber o dinheiro! Ha nessa illustre cidade do Porto um sujeito que tem na mão duas annualidades; a empresa não lhas recebeu, quando elle quiz entregar-lh'as, a pretexto de não ter a escripturação em ordem, ou cousa equivalente, e dizendo-lhe que lá mandaria por ellas, quando fosse tempo. Até hoje!

Eu posso recommendar o am^o Bartholomeu ao Margaride, e pedindo mt^o que a recommendação seja efficaz. Se o homem sacrifica a Renascença a outras publicações é que tira destas mais lucro. O favor pois importava em favor de dinheiro, e hoje em dia só os faz uma *avis rara in terris*.

A demora da sua resposta fez-me suppor que a minha carta se perderia pelo caminho. De resto a demora nenhum transtorno me causou; antes m'o causava se me apertasse pela realização da minha proposta. E a razão é porque, quando lhe escrevi, andava com a photographia ás voltas e parte dos objectos de Sabroso estavam photographados. De repente veio este tempo, proprio dos países dos Cimmerios com uma luz tão fraca que deixei a obra em meio e só posso continua-la quando o tempo nos der uma luz decente. Lançadas as contas, se esperamos pelo sol, e pelo tempo que ha de levar a gravura, ou photothyphia dos objectos que pretendem apparecer nas paginas da Renascença, chegamos ao anno 3000.

Se quizer o artigo, sem photographias, ou gra-

vuras, avise-me. Está composto, e falta só dar-lhe uma ultima demão, supprimindo as referencias ás gravuras. Querendo o artigo e photographias, repito, temos que esperar.

Estou certo que em qualquer outra parte, o artigo, pelo que noticia das excavações, teria leitores. Entre nós não sei, porq. sei do que o publico gosta.

Não li nada de desfavoravel contra si. Verdade é que leio mtº poucos jornais. Faça como o outro: «No te curar di lor'; mai sguarda e passa».

O modo d'açamar a maledicencia é trabalhar com consciencia... Estou a fazer-me morabito!

Seu amº e obgdº

F. Martins Sarmiento.

Guimarães
14-1-79

Meu amº

A sua carta faz-me crer que na minha ha um periodo que parece escripto pelo judeu Sylock! Mas, se fallei em dinheiro, é porque não achei outra razão que explicasse a demora da publicação da Renascença, que o meu amº dizia porvir do dono da imprensa — se o não disse, entendi-o assim — o que, pª o caso, é o mesmo. Disse eu então que o dono da imprensa não aviava a tempo a publicação deste jornal, por ter publicações que lhe antepunha, por lhe darem maiores lucros. Foi isto e nada mais. Nem por sombras quiz melindrar ninguem: a censura — se a houve — pode dizer-se impessoal, pois que nem sequer distingo os dois Moraes, e menos sei se o dono da imprensa faz parte da Empreza da Renascença. Se houve tolíce da minha parte, e grosseria, fique certo de que, ainda mesmo depois da sua carta, não atino com ella. Desejava-o bem — por isso gasto tanta palavra com este incidente — porque uma das cousas que não desculpo em ninguem, a começar por mim, é falta de delicadeza.

O meu mote (quando não ha necessidade de re-chassar uma farpa com duas, entende-se) é o do propheta:

Não entristeças ninguem.

Acho bem o entristeças.

Para acabar com o Moraes, logo que appareça o n.º da Renascença que está á bica, não me esquecerei de recommendar o homem ao Margaride.

O artigo acerca do Templo d'Évora! Mas, meu amº, eu ainda não vi tal templo, senão em detestaveis gravuras! e, se quizesse escrever alguma cousa a tal respeito, teria d'enfeixar umas poucas de palavras sem sentido, quando sou o primeiro a gritar contra os palradores occos! Livre-me deste papel. E, para mais, não tem o seu homem no Gabriel Pereira?

Não acceite na sua publicação «obra de feira».

Já depois que lhe escrevi a ultima carta, tive uma do Carlos Ribeiro que acabou de resolver-me a addiar a publicação das gravuras, em que lhe tinha fallado. Dava-me elle conta da deliberação do governo em receber pª o anno que vem o congresso dos srs. anthropologistas, lembrando que pª essa ocasião alguns dos sabichões estrangeiros talvez viessem á Citania — que já conheciam de nome. Já vê o meu amº que tenho agora uma razão seria para guardar por mais algum tempo os *meus thesouros*; a publicação será pois feita depois e não antes do Congresso.

Mas, relembrei tambem q., supposto pudesse dar algumas das photographias de Sabroso pª o artigo que vou remeter-lhe, tinhamos d'esperar tempo infinito, não só porq. algumas ainda estão na massa dos possiveis, mas, mesmo que estivessem todas promptas, pª as passar a gravura, ou phototypia, que eternidade!

Assim, o melhor é não pensarmos por ora em tal. Logo que possa reunir a collecção de Sabroso (photographias), mando-lh'a, e depois combinaremos.

Estimo pois mtº saber que não tenho esta tarefa pª breve, porq. é agora no inverno que eu leio alguma cousa e não queria distrahir-me com as occupações materiaes e fastidiosas da camara escura e do nitrato de prata. Mesmo nestes trabalhos sou só: nesta excel-

lente terra é escusado procurar um auxiliar que se apaixone por cacos e objectos velhos, mesmo pintados. Olhe que ás vezes canço com o trabalho, e muito mais com a ideia de que o tempo foge e não chega a nada.

O Joaquim de Vasconcellos já me tinha dicto alguma cousa acerca do escripto do Hübner. Venha elle, ainda que só seja p^a estimular os nossos preguiçosos.

Do mais que me diz, fallaremos a seu tempo. Leia como poder.

Seu am^o e obgd^o

F. Martins Sarmiento.

Guimarães, 5-3-79.

Meu am^o

Não vejo na carta do Soromenho, de 4 de 7^{bro}, nada que lhe sirva. O que elle diz do ARG CAA_ da Citania é insustentavel, porq. aquillo não é marca figulina e elle mesmo Soromenho reconheceu-o mais tarde. O Hübner, no seu opusculo sobre a Citania cahe na mesma. Tenho de lhe responder, porq. a obra do sabio allemão, graças ás noticias que os nossos archeologos vulgarizaram, e que serviram de base ás suas apreciações, pouco mais contem que absurdos. Na minha resposta discutirei se a cousa é marca d'oleiro, ou não, e verá o meu am^o que a sabia Allemanha tem d'embuchar por causa daquelle nosso aphorismo: "sabe mais o tolo no seu que o avisado no alheio".

Na carta do Soromenho, de 17, a approximação entre a inscrição de Balsemão e a da Citania não tem razão de ser, pois aqui CAA_ é nome de homem. Não vejo pois d'aproveitavel senão o seguinte extracto:

"Conhece, sem duvida, a inscrição dos VICANI CAMALOC (enses?) achada no Crato? Revela-nos ella a existencia d'um vicus chamado Camala(...?..); e, apesar das suas hesitações, Hübner concorda nisso.

Mas, quando assim não fosse, uma outra inscrição, por mim achada em Balsemão, tiraria qualquer duvida. E' truncada; mas tem o nessesario para o nosso caso:

CATVR.....
 NEPOS·EX (vico?)
 CAAL·AN.....
 H·S·S·S·V·T·L

Por consequencia vejo muito arriscado o seu principe celta a transformar-se n'uma povoação etc." Mas o meu amº sabe que a povoação do Soromenho transformou-se, se não em principe, n'um homem, como se provou pela inscrição "Coroneri Camali domus"; e, se não me engano, o CAAL de Balsemão não passa tambem d'um homem. As siglas HSS não podem traduzir-se senão por "hic siti sunt"; as S·V·T·L por "sit vobis terra levis". São pois dois, pelo menos, os enterrados, e um delles parece-me ser CAAL que tinha tantos ANNOS.

Seja o que for, não vejo mais que extractar, que possa servir-lhe.

O Margaride está aqui. Logo que vá para o Porto, e não tarda, solto-o contra o Anselmo, a quem já tinha fallado. Terminei.

Seu amº e obgdº

F. Martins Sarmiento.

Cartas de Joaquim de Araújo

Ill.º e Ex.º Sr.

Vª Exª conhece já a revista literaria a *Harpa*, de que o Pereira Caldas lhe enviou alguns numeros: para essa revista vou eu pedir-lhe o altissimo favor da